

LENDO O SEMIÁRIDO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS ESCOLARES

Rafaella de Sousa Silva

Universidade de São Paulo/ Universidade Federal de Campina Grande/e-mail: rafaellasousa@usp.br

Introdução

A proposta desse texto é dar condição de existência a um relato de experiências, para tanto, farei uma curta apresentação das intenções que me levaram a cursar a disciplina Etnografia Aplicada a Pesquisa Educacional na Universidade de São Paulo, como requisito de obtenção de créditos para o Doutorado em História Social, e nesse percurso, contarei um pouco da cientista social que já se interessava pelo cenário da escola, e a que venho me tornando após o contato com as literaturas, discussões, e propostas construídas durante esse curso. Com isso, trago como sugestão, que é possível olhar com outros olhos a sala de aula da escola pública no semiárido, quando se vive uma experiência qualitativa de entrada em campo em uma escola pública paulista, que carrega consigo uma constituição cultural que comunga com a megalópole da qual faz parte, mas me diz em muitos sentidos que é possível falar de escolas e dizer instituições diferentes, mas é também sugestivo dizer de diferentes formas uma ideia dela mesma, algo que conta, fala e constrói a ideia de escola, mesmo nas suas muitas faces.

Objetivos

A problemática dessa escrita é analisar as possibilidades que surgem de olhar a escola e seus sujeitos a partir de novos sentidos, provocados por um momento que me fez despir-se de mim enquanto professora, e passar a atuar como pesquisadora em uma escola pública da cidade de São Paulo durante o primeiro semestre desse corrente ano. Levantando por hipótese a ideia de que a escola pública pode estar em descompasso diante dos novos e múltiplos sujeitos que a compõe, especialmente a partir da ampliação no número de vagas e obrigatoriedade de permanência, mas não está falida. E esse exercício de viver esse outro cenário, me provocou a pensar a escola interiorana da cidade de Cubati-Paraíba, na qual sou professora de História há quinze anos, a partir de novas perguntas.

Metodologia

A partir do exercício de campo que desenvolvi na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Zezuino Clemente¹. Uma escola com cerca de 1282 alunos, 14 salas de aula, fora sala da direção, dos professores, de secretaria, laboratório de informática, quadra, cozinha, sala de leitura, biblioteca, refeitório, dois pátios descobertos e dois banheiros que ficam no

¹ O nome aqui apresentado é fictício, como parte do acordo formal que apresentei em forma de documento escrito, sendo assinado em termo pela direção escolar. O qual apresentei a direção da escola no último dia de minha entrada, após ter levado a carta de apresentação no primeiro dia, deixando de forma ética e clara que as observações levantadas em campo, preservariam o anonimato da escola e dos sujeitos escolares descritos. Trata-se de uma escola pública de Ensino Médio, que no turno manhã comportava cinco terceiros anos, cinco segundos, e quatro primeiros. Sendo o primeiro andar o “andar dos terceiros”, onde os alunos das outras séries “desejavam estar”. Com o tempo ouvi de muitos alunos e alunas que “eu queria estudar em cima, como os alunos dos terceiros”. Talvez pelo status de ser o lugar dos “veteranos”.

pátio do refeitório. Espaços que ganharam alguns sentidos a partir das práticas e usos sociais que consegui observar durante um pouco mais de dois meses de permanência na escola. Posto que não iniciei minha entrada apenas em maio, mas no dia 05 de abril, e continuei indo à escola até o dia 14 de junho. Em visitas quase diárias as quais intercalava com as aulas e atividades acadêmicas, passei a ter uma frequência mais cotidiana no mês planejado pela disciplina. No total foram 28 visitas a escola e o que considero uma vigésima nona, que foi o dia que fui convidada a passar uma tarde na casa de duas alunas.

A própria proposta que lancei mão e apresentei na escola, foi construída no primeiro dia de visita, por ter chegado coincidentemente no horário aproximado ao intervalo e visto alunos e alunas conversando e caminhando nos corredores. Ao perceber esse momento como uma possibilidade de diálogo com esses adolescentes, propus ir à escola no turno da manhã, no horário do intervalo das aulas (9:30 às 9:50 horas), observar como aqueles jovens praticam esse momento, e ao surgir oportunidade, ter conversas informais sobre seus anseios, as relações que estabelecem com a escola, o que pensam da mesma, e como se dão suas relações de sociabilidades. O que foi aceito pela gestão ainda no primeiro encontro, mas não de forma tão automática e amistosa. Logo, deixo aqui entendido que ao ir à escola, não fui com uma proposta de observação de campo fechada, mas estando em campo percebi fortuita essa possibilidade a partir de observações construídas no intervalo de tempo em que esperava ser atendida pela diretora. Era a oportunidade que sempre desejei, de ler a escola a partir dos alunos e alunas, sendo essa instituição nova para mim, assim como seus transeuntes.

Resultados e Considerações finais

Essa experiência, que de antemão posso dizer que me modificou enquanto professora, pesquisadora e pessoa, me fez *recordar* do que Rockwell sugere no livro “la experiencia etnográfica”, no qual lembra que ao ir em uma escola, ao construir uma etnografia, não deve se cultivar uma interferência no lugar por parte do pesquisador, mas uma interferência no pesquisador, que estando em contato com esse mundo outro, conhecendo espaços, pessoas e práticas que em grande medida são estranhas a ele, por mais próximas que pareçam, modifica-se por não sair de lá o mesmo. Ao sair da escola eu reescrevia e trabalhava o movimento de esquecimento e lembrança que passa pela memória e narra o percurso que fiz, as observações e conversas que tive, que ao final somaram 150 páginas de descrição dessa experiência, por meio de temas dos mais diversos, que iam de sexualidade, repressão a tentativa de suicídio.

Referências

- ERICKSON, Frederick. “Metodos cualitativos de investigacion sobre la enseñanza”. In: la investigación de la enseñanza II. Metodos cualitativos y de observación/ Wittrock, M. C. (org.). Barcelona, Ediciones Paidós, 1989, pp. 195-232.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 24.ed. São Paulo: Edições Grall, 2007.
- FONSECA, Claudia. “Quando Cada caso *não* é um caso”. In: Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, pp. 58- 78. 1999.
- RICOEUR, P. A Memória, a história, o esquecimento. Campinas, Unicamp, 2007.
- ROCKWELL, Elsie. La experiencia etnográfica: historia y cultura em los procesos educativos. – 1ª ed. – Buenos Aires: Paidós, 2009.
- Wacquant, Loïc J. D. Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe I Loïc Wacquant/ tradução Angela Ramalho - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.